

# Letras de carvão

*Gosto tanto de te ver escrever as tuas histórias, filho.*

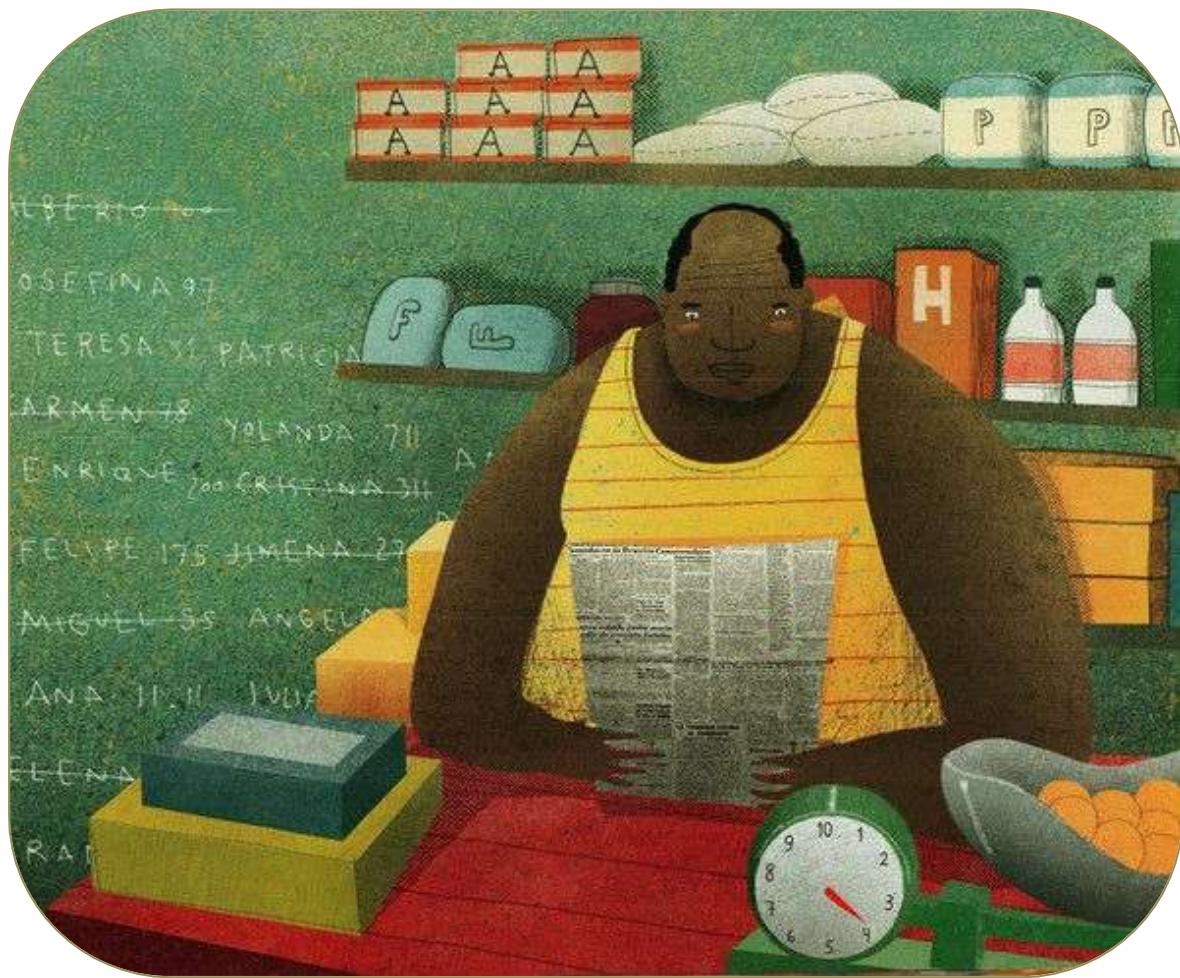
*Sabes, às vezes eu também escrevo. Contudo, quando tinha a tua idade, não sabia ler nem escrever.*

*Vou contar-te como foi que aprendi, e, mais tarde, talvez possamos escrever a história da minha aprendizagem juntos. O que te parece?*

*Ora escuta...*

**A**ntigamente, quase ninguém sabia ler na aldeia. E muito menos escrever.

O Senhor Veloso, o dono da mercearia, era um dos poucos que sabiam. Costumava anotar a giz, na parede da loja, o nome de todos os vizinhos e a soma que cada um deles lhe devia. Assim, quando as dívidas já tinham sido pagas, ele apagava a informação.



Claro que as letras estavam presentes em todo o lado, mas quase ninguém reparava nelas.

Por exemplo, as compras eram embrulhadas em jornais velhos, e também se usavam jornais para tapar buracos nas paredes. Assim, nas noites frias, o vento não conseguia atravessá-las.

As letras moravam nas cozinhas, nas mesas, e diante dos olhos de todos os habitantes da aldeia de Palenque, mas ninguém compreendia o que elas diziam.

**A**s frutas e os legumes frescos chegavam todas as semanas ao porto e, com as mercadorias, vinham também algumas cartas que o carteiro entregava na junta de freguesia.

Alguns dias após esta entrega, Gina, a minha irmã mais velha, recebia uma carta, o que acontecia cerca de uma vez por mês.

Gina abria o envelope com timidez, pois sabia que quem enviava as cartas era Miguel, o jovem médico que tinha trabalhado durante alguns meses na aldeia.

À sombra da árvore da borracha, Gina ficava horas a olhar para aquelas cartas cheias de letras que não conseguia ler, mas que, achava ela, eram portadoras de muitas promessas de amor.

Eu tinha uma imensa vontade de saber o que diziam aquelas folhas, e chegava mesmo a imaginar que Miguel pedia Gina em casamento e lhe oferecia uma casinha para viverem juntos num lugar bem longe dali. Creio que Gina sonhava com algo semelhante a isto.

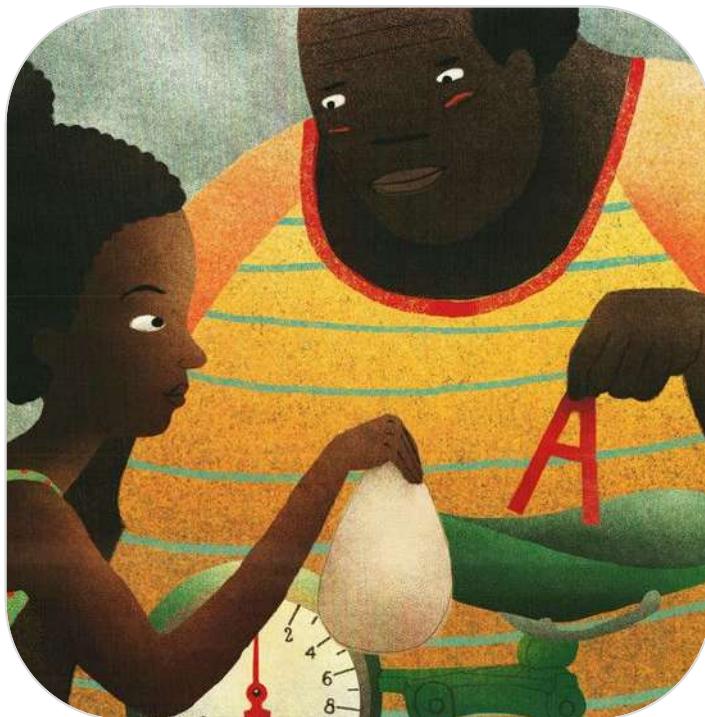


A verdade, porém, é que nenhuma de nós conseguia ler o que Miguel escrevia, embora passássemos as cartas uma à outra, numa tentativa de as decifrar.

Nesses dias, trepávamos ao ramo mais alto da árvore e, examinando as folhas uma a uma, procurávamos a letra “O”, que era a única que conhecíamos.



**C**Onfesso que aquelas cartas se tornaram uma autêntica obsessão para mim, pois queria muito perceber o que as letras diziam para ajudar Gina. E foi assim que decidi aprender a ler.



— O que está escrito aqui? — perguntava eu ao Senhor Veloso sempre que podia.

— Se me ajudares na mercearia, posso ensinar-te a ler — propôs-me ele um dia.

— Ajudar como? — perguntei.

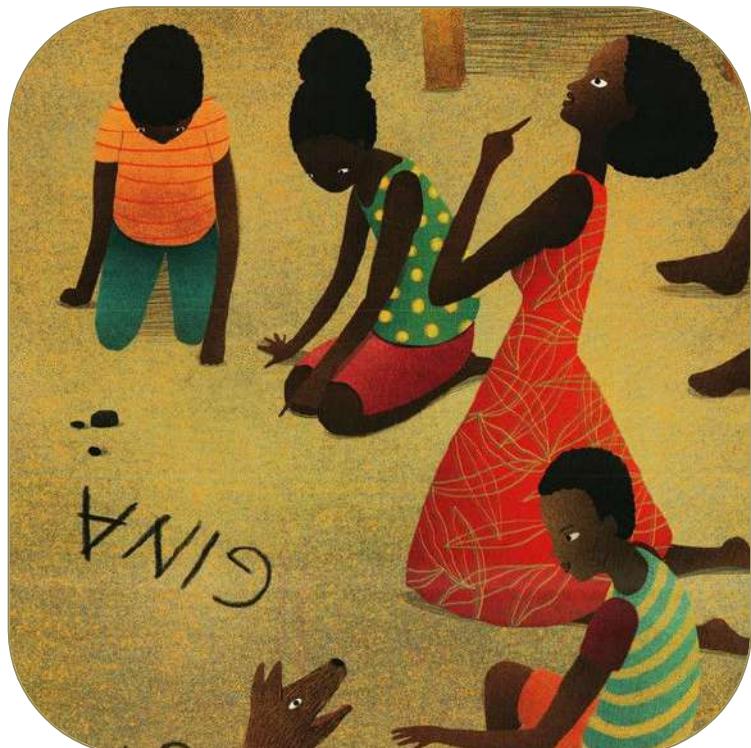
— Ajudar a empacotar os grãos. Primeiro, tens de pesar o arroz, o feijão e o milho e, em seguida, tens os meter em sacos de papel. Cada saco deve pesar um quilo, nem mais, nem menos.

**J**ma vez por semana, lá ia eu ajudar o Senhor Veloso.

Com muito cuidado, pesava, embalava e colocava os sacos na prateleira. Entretanto, ia estudando as letras que ele me ensinava.

— Oravê, este é o nome da tua mãe: **JOSEFINA**. Mostra-me onde está a letra “A”. Muito bem. E a letra “J”? Perfeito! Vejo que aprendes depressa.

E foi assim que, de nome em nome, de vizinho em vizinho, de dúvida em dúvida, consegui aprender todas as letras.



**T**odos os dias, ao fim da tarde, fingia que era o Senhor Veloso.

Gina sentava-se ao meu lado e, por vezes, os meus outros irmãos e alguns vizinhos também se juntavam a nós.

Eu escrevia as palavras no chão com um pedaço de carvão que tirava da cozinha, e pedia que me dissessem o nome das letras.

— Onde está a letra “G” de **GINA**? E onde está a letra “C” de **CÃO**?

Gina, que queria muito poder ler as cartas de Miguel, esforçava-se imenso por encontrar todas as letras.

No final desse ano, já sabíamos ambas ler. Claro que líamos devagar, mas percebíamos tudo. Contudo, à medida que íamos aprendendo o abecedário, as cartas começaram a rarear cada vez mais.

**P**erto do Natal, chegou uma carta de Miguel. Gina e eu trepámos à árvore da borracha, abrimos o envelope e começámos a ler.

*Querida Gina,*

*Já te escrevi muitas cartas, mas não recebi resposta alguma.*

*Esta será a última carta que te envio, pois estou de partida para outro país e ser-me-á muito difícil voltar a Palenque.*

*Guardarei sempre uma bela recordação da tua amizade e desejo-te muitas felicidades. Com sincera gratidão,*

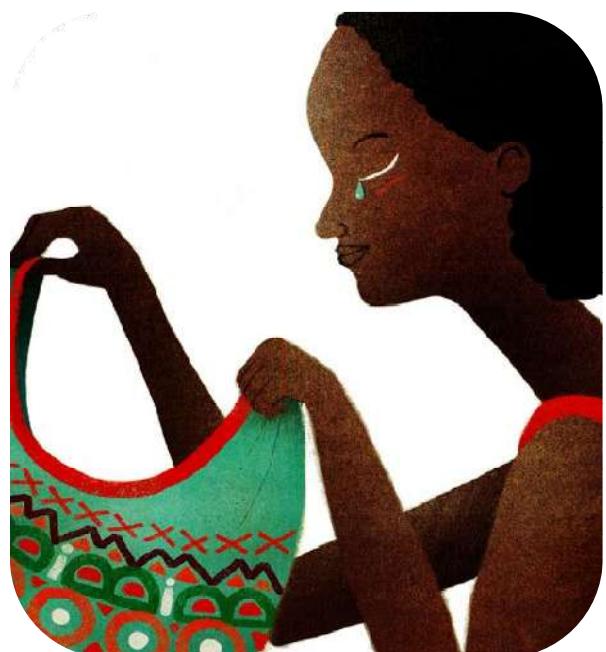
*Miguel Terra.*

**Q**uando Gina acabou de ler a carta, tinha os olhos cheios de lágrimas.

Guardou-a no bolso e disse:

— Temos muito que fazer, porque ainda não acabamos de costurar os nossos vestidos para a festa de Natal!

Lemos a carta de novo mais tarde.



**D**evo confessar que, durante a festa, Gina conheceu um rapaz muito simpático chamado João José... mas essa é uma outra história.

Quanto a mim, recebi, muito orgulhosa, o mais bonito presente de toda a minha vida: o meu primeiro livro de contos. O Senhor Veloso tinha-o encomendado para mim!

Nesse Natal, senti-me a rapariga mais feliz do mundo. Mal a festa terminou, li o livro em voz alta para todas as pessoas da minha aldeia.

*Desde então, meu filho, nunca mais deixei de ler para mim mesma... e também para os outros.*



♦♦♦

### **O QUE SE TRANSFORMA, O QUE PERMANECE**

No meu país, a Colômbia, assim como em grande parte dos países da América Latina, entre os quais o Brasil, a cultura e as regras comunitárias foram sobretudo transmitidas através da tradição oral. Aliás, até há bem pouco tempo, as pessoas que não sabiam ler tinham apenas acesso às palavras que eram narradas e cantadas no seio das suas comunidades. Ler e escrever não eram considerados prioridades, sobretudo no seio das comunidades afrodescendentes

que viviam em zonas rurais remotas e de difícil acesso. E eram ainda menos prioritárias quando se tratava das mulheres, pois as pessoas pensavam que as mulheres só tinham de cuidar da casa e de ajudar no trabalho do campo.

No final do século XX, a consciência de que a alfabetização era um direito básico de todos começou a despertar e a difundir-se. As escolas foram-se multiplicando, surgiram novas bibliotecas e, finalmente, os habitantes das aldeias e das cidades mais distantes das capitais puderam ter acesso a pequenas coleções de livros.

Desde então, nós, formadores de leitores, pudemos chegar aos povoados mais longínquos com as nossas sacolas carregadas de livros, e reunir-nos com mães e bibliotecárias que antes apenas contavam histórias e cantavam, e que agora começavam a poder ler em voz alta. Essas mulheres aprenderam a ler as letras das palavras através de objetos com os quais conviviam no seu quotidiano, como, por exemplo, sacos de farinha que traziam os nomes dos fabricantes e que, depois de reciclados, se transformavam em roupas para as crianças.

Durante anos, cheios de viagens e de aulas, fui recolhendo as histórias de leitura dessas mulheres, cujas palavras me comoviam e enchiam de esperança. Ouvia-as, anotava no meu caderno tudo o que escutava, e pedia-lhes “emprestadas” as magníficas recordações da forma como tinham descoberto o mundo das letras.

Tal como as tranças de cabelo das mulheres africanas recordam os trilhos de floresta que, outrora, guiaram os escravos na sua fuga em direção à liberdade, eu mesma fui entrançando as histórias que esta nova geração de leitoras me contou. A aldeia onde decorre a história de *Letras de carvão* chama-se Palenque (que é equivalente a Quilombo, em português), em homenagem às primeiras povoações compostas por escravos que conseguiram fugir do cativeiro.

Gostaria de agradecer a Carmen Antonia, bibliotecária da Biblioteca Comunitária La Alegria (Santiago de Tolú, Colômbia), e a todas as mulheres anónimas do meu país que se transformaram em leitoras, sem deixarem de transmitir as palavras dos anciãos que se reuniam em redor dos fogões a carvão, agora cada vez mais raros, e mantinham aceso o fogo da tradição.

Irene Vasco



## A LEITURA COMO FORMA DE INCLUSÃO

Quando falamos de inclusão, devemos primeiro perguntar-nos: O que entendemos por diferenças? Por que motivo vemos as diferenças como uma ameaça?

Atualmente, os governos preocupam-se em criar uma série de medidas visíveis de inclusão, tais como rampas de acesso, elevadores e livros em *braille*, para ajudar as pessoas com necessidades físicas especiais. No entanto, esses mesmos governos continuam a excluir e a ignorar muitas pessoas cujas diferenças não lhes interessam apoiar. Na verdade, todos nós nos habituamos a agir assim, o que faz com que qualquer diferença — seja ela étnica, religiosa, cultural, económica, de género, de orientação sexual, e muitas outras — possa conduzir à exclusão.

Num dos meus recentes trabalhos, uma personagem masculina admira as diferentes cores e formas dos pássaros e convida uma menina a observá-los da forma como ele os vê. Em seguida, esse mesmo homem começa a censurar, e mesmo a tentar mudar, as diferenças entre as pessoas, com a intenção de que todas sejam iguais a ele. Nessa altura, a menina oferece-lhe um livro que o ajuda a ver as pessoas como ele antes via as aves, ou seja, admirando a beleza das suas diferenças.

Creio que a literatura é mesmo isso: uma maneira eficaz de mostrarmos as diferenças como riquezas e não como ameaças. Desejo que as minhas imagens sejam sempre um convite à curiosidade e à surpresa, e prefiro pensar que o meu trabalho forma leitores não só de livros, mas também leitores que leem as suas próprias vidas.



Irene Vasco  
*Letras de Carvão*  
São Paulo (SP), Pulo do Gato, 2016  
(Adaptação)

## Letras de Carvão

1. Por que motivo ninguém reparava nas letras que estavam por toda a aldeia de Palenque?
2. A narradora decide aprender a ler para ajudar a irmã mais velha. O que revela esta atitude sobre o seu carácter?
3. De que forma contribuiu o Senhor Veloso para realizar esse seu desejo?
4. Como interpretas a reação de Gina à última carta de Miguel? Justifica.
5. Que presente recebeu a narradora no Natal, e que valor lhe atribuiu?
6. A aprendizagem da leitura transformou também a vida da própria aldeia. Concordas? Porquê?
7. Segundo Irene Vasco, o que mudou no final do século XX em relação à alfabetização? Assinala o parágrafo que contém essa informação.
8. Em que consistiu o seu trabalho enquanto formadora de leitores?
9. Na tua opinião, o que significa poder ser leitor(a) do mundo e da própria vida?
10. Atribui um título diferente ao texto, e fundamenta a tua escolha.